

## **A pesquisa em Dança: Perspectivas etnográficas focadas na corporalidade no *ballet***

*Dance research: Ethnographic perspectives focused on embodiment of ballet*

Doris Dornelles de Almeida<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discute as principais características dos estudos da corporalidade (*embodiment*) no âmbito de pesquisas em dança focadas em metodologias etnográficas. Baseada na pesquisa qualitativa a qual se guia pela interpretação, exploração e descrição trago experiência de dez anos como pesquisadora da corporalidade e realização de etnografias no campo da dança. Como metodologia de pesquisa foram utilizados documentos e pesquisas sobre corporalidade publicadas em forma de tese, dissertação, artigos e capítulo de livro, além de entrevistas com pesquisadoras especialistas no tema da corporalidade. O resultado desta trajetória em pesquisa qualitativa em dança focada na corporalidade se caracteriza pelas etapas de planejar, interagir com os participantes, estar em campo, e analisar os registros. Sugiro que pesquisadores que privilegiem abordagens metodológicas de cunho etnográfico para estudar a corporalidade perpassem cuidadosamente pela execução destas etapas valorizando os participantes e suas interpretações de forma colaborativa.

**Palavras-chave:** Pesquisa. Dança. Método etnográfico. Corporalidade. *Ballet*.

**Abstract:** This paper discusses the main characteristics of embodiment studies within the scope of dance research focused on ethnographic methodologies. This qualitative research is guided by the interpretation, exploration, and description of my personal experience of ten years as a researcher of embodiment based on ethnographies in the field of dance. The methodology involved documents and research on embodiment published in the form of thesis, dissertation, articles, and book chapter and interviews with researchers specialists in the theme of embodiment served as a basis for this research. The result of this trajectory in qualitative dance research focused on embodiment is characterised by planning, interacting with participants, living in the field, and analysing the data. I suggest that researchers who choose ethnographic methods to study embodiment must be careful in the execution of each stage of research including the participant's interpretations in a collaborative way.

**Keywords:** Research. Dance. Ethnographic method. Embodiment. Ballet.

---

<sup>1</sup> Professora do curso de Dança do Departamento de Artes e Humanidades (DAH) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: dornelles333@hotmail.com.

## **Entendendo a corporalidade na pesquisa acadêmica**

Este trabalho foi inspirado em dez anos de experiência em pesquisa focadas em metodologias de cunho etnográfico oriundas da antropologia, sociologia e antropologia da dança e no artigo “Desafios da corporalidade na pesquisa acadêmica” de Maria Tereza Flores-Pereira, Eduardo Davel e Doris Dornelles de Almeida (2017). A inserção gradual dos estudos de corpo nestas áreas, em particular na área da pesquisa em dança com cunho etnográfico, ocorreu a partir de várias áreas de pesquisa diferentes, e que ainda estão em evolução sobre a compreensão de corpo. Neste contexto, surge a pergunta de pesquisa: quais são as características das pesquisas focadas em corporalidade em dança (*ballet*) que utilizam o método etnográfico?

Existe uma grande riqueza e relevância no processo e na relação entre pesquisador e pesquisado quando se objetiva refinar a construção de conhecimento a respeito das questões de representação, emocionalidade, significação, discurso e linguagem (Alvesson & Sköldberg, 2009). O corpo foi tratado, tradicionalmente na Sociologia, como uma presença ausente, conforme Shilling (2003). Isso significa que o corpo nos estudos de Sociologia aparece raramente como um objeto central de estudo e pesquisa desse campo, e sim mais usualmente de modo implícito.

De acordo com Schilling (2003) na Sociologia clássica os pesquisadores não se preocupavam com importantes aspectos da corporalidade humana, e preocupavam-se prioritariamente com a estrutura e o funcionamento das sociedades. Alguns pesquisadores da Antropologia e da Filosofia buscaram compreender o corpo como objeto central de análise na pesquisa acadêmica. O estudo do antropólogo Marcel Mauss (2003[1934]) denominado “As Técnicas do Corpo”, foi revolucionário pois argumenta que as técnicas corporais ocorrem através de um processo de aprendizagem e adaptação ao grupo cultural de convívio. Considerando o corpo como representação, este autor dialoga sobre trocas de significados entre o mundo ‘natural’ e social, inspirando vários estudos na antropologia social, estruturalista e simbólica. Alguns trabalhos como os de Mary Douglas (1966) e Schilling (2003) foram tradicionalmente

classificados como uma Antropologia (Sociologia) do corpo. O filósofo, Merleau-Ponty observa que o mundo “só nos é acessível por meio do nosso corpo”, ou seja, o nosso contato direto e primitivo com o mundo ocorre somente a partir do campo da percepção (2004, p. 18).

Neste artigo uso o termo corporalidade para se referir a uma filosofia que tem uma compreensão específica de corpo (Crossley, 1995), onde o corpo é um agente (e não um objeto) da sociedade e da cultura, ou seja, é um corpo-pessoa, pois “ela [a pessoa] ‘é’ o próprio corpo, um corpo pessoa, vivendo primeiramente em um mundo de prática e não da abstração” (Flores-Pereira, 2010, p. 422). Esse corpo-pessoa conhece o mundo de maneira prática, sem recorrer à reflexão e à intelectualização, ocasionando um *know-how* corporalizado (*embodied*) de ser no mundo (Crosley, 1995). De acordo com Flores-Pereira, Davel e Dornelles de Almeida (2017) o termo *embodiment* ainda não foi traduzido de forma consensual em língua portuguesa, pelos pesquisadores brasileiros, sendo empregado de modo variado como: experiência cultural incorporada (Víctora, 1997), corpar (Favre, 2014; Katz, 2021), corporeidade (Csordas, 2008; Dornelles de Almeida, & Flores-Pereira, 2013), corpo-pessoa (Flores-Pereira, 2010). Neste sentido, Favre (2014) e Katz (2021) definem esta união do corpo com o mundo da prática através do termo corpar, onde o encontro dos corpos fazem junto, a si e a seus ambientes, em modo de co-adaptação.

Uma compreensão corporalizada se baseia no reconhecimento da noção de corpo como centro da experiência humana e no modo como os corpos são empregados, treinados, educados e usados nos espaços, inclusive de trabalho (Styhre, 2004). Portanto, a experiência corporal diária da vida social-organizacional humana inclui a consideração de pensamentos, sentimentos, intenções, entendimentos que assumem formas corporalizadas e, portanto, visíveis no discurso e em outras ações culturais (Csordas, 1988).

### **Explorando pesquisas de cunho etnográfico focadas na corporalidade no *ballet***

No *ballet* clássico, de acordo com Marulanda e Oliveira os bailarinos aprendem a codificação das imagens corporais a partir de uma técnica ocidental e europeia, referente “a contextos culturais e sociais específicos que configuram formas de entender e vivenciar a dança” (2014, p.1). As premissas metodológicas da antropologia da dança, em particular os recursos etnográficos possibilitam uma construção poética e um posicionamento do sujeito pesquisador, ao analisarem por exemplo a metodologia do ensino do *ballet* clássico com suas várias metáforas referentes ao corpo e ao movimento (Marulanda & Oliveira, 2014). A etnografia se caracteriza pela convivência do pesquisador com os participantes da pesquisa em campo por “um trabalho de campo de longa duração, o registro de experiências em diários de bordo e a posterior análise destes dados a partir de categorias propostas” (Marulanda & Oliveira, 2014, p.1).

A importância da etnografia se dá através da consideração da dimensão cultural, a experiência no contexto socioambiental, observações e diferentes pontos de vista daqueles que fazem parte do campo pesquisado. Neste sentido, o pesquisador envolve-se na “construção dos saberes no estudo da prática a qual necessita observar o que é feito, escutar”, conforme afirma Sylvie Fortin (2009, p. 82). Para Fortin, a autoetnografia “se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si” (2009, p. 83). Por isso, os dados etnográficos definidos como os dados empíricos provenientes de uma presença sobre o campo, inclusive expressões pessoais, objetivam responder à questão que se impõe à prática (Fortin, 2009).

A metodologia desta investigação envolveu diversos documentos de pesquisas sobre corporalidade publicadas em forma de tese, dissertação e artigos. Além disso, minha experiência como pesquisadora no tema da corporalidade serviu como base para esta pesquisa. Faz dez anos que atuo como pesquisadora em dança utilizando e orientando pesquisas que se baseiam em metodologias de cunho etnográfico (Dornelles

de Almeida, 2014). Na dissertação de mestrado “Identidade física, pessoal, institucional e espiritual: etnografia *embodied* de uma companhia de *ballet*” eu investiguei como a identidade física, pessoal, institucional e espiritual são corporalmente vivenciadas (*embodied*) pelos bailarinos em uma companhia de dança (Dornelles de Almeida, 2012). O embasamento teórico se constituiu sobre três pilares principais: a dança e o *ballet*, a identidade e o *embodiment*. Na Antropologia, na Sociologia, e nos Estudos Organizacionais e de Administração existem diversas abordagens de base cognitiva-representacional que ignoram o corpo e sua análise *embodied* como recurso metodológico e epistemológico para uma compreensão da identidade.

Longe de ser uma análise representacional do mundo, o *embodiment* considera o corpo como o centro de formação da vivência das pessoas no mundo da prática. O mundo, nesse contexto, é compreendido como algo construído histórica e culturalmente pelas percepções corporais. Neste sentido as perspectivas teóricas do *embodiment*, como: a fenomenológica, a feminista, a da prática, as pós-modernas e a cultural reconhecem o corpo como *locus* de múltiplas atividades sociais. Daí a importância da inclusão da análise do *embodiment*/corporalidade, já que, por exemplo, não se pode pensar as organizações como anteriores ou transcendententes aos corpos humanos. Para a dissertação eu realizei uma pesquisa empírica qualitativa, etnográfica, denominada como etnografia *embodied*. Isso porque a vivência do método etnográfico baseada em diário de campo na companhia de dança, entrevistas com bailarinos e diretora e material documental incluiu em suas categorias de análise o corpo (bailarino) e sua relação com o espaço, o tempo, o peso, a força, a dinâmica do movimento, a voz, os cinco sentidos, ou seja, uma etnografia guiada pela experiência dos corpos dos pesquisados, principalmente os bailarinos em relação às aulas, os ensaios e os espetáculos.

O foco na pesquisa etnográfica *embodied*/corporificada proporcionou discussões com potencial para pesquisas futuras: na Teoria da Identidade nas Organizações, sobre a identidade *embodied* nas organizações; na abordagem metodológica, sobre uma etnografia *embodied*; na questão gerencial empírica da Companhia de Dança pesquisada, sobre a perspectiva da identidade institucional; e na questão sociológica,

sobre a identidade no campo da dança, no contexto globalizado da cultura de massa (Dornelles de Almeida, 2012).

Já o artigo “As corporalidades do trabalho bailarino: entre a exigência extrema e o dançar com a alma” explorou como os bailarinos profissionais corporificam (*embody*) seu trabalho bailarino, a partir de estudos de corpo e corporalidades nos campos da Administração e da Dança (*ballet*), assim como informações de uma etnografia realizada em uma renomada companhia de dança estatal em SP-Brasil. (Dornelles de Almeida & Flores-Pereira, 2013). Três importantes processos de corporificação do trabalho bailarino surgiram desta análise, quer sejam: a corporificação das dores e lesões, a corporificação de um tipo de corpo e de movimentação corporal e, por fim, a dificuldade de corporificar o dançar com a alma. Importante destacar que ‘dançar com a alma’ significa um ponto de pico quando a ação e a consciência se fundem; estar presente, momento em que tudo se funde (Aalten, 2004); estado de transcendência, ou seja, “um estado de fluidez ou transcendência no qual os bailarinos não têm que pensar na técnica, mas se encontram criando novas zonas de arte de *ballet*” (Wulff, 2008, p. 525). O bailarino deve possuir em seu “potencial artístico qualidades estéticas, musicalidade, habilidade para representar, presença de palco, carisma, perfazendo os requisitos do capital cultural (requisitos técnicos e artísticos) corporificado” (Dornelles de Almeida & Flores-Pereira, 2013, p.726).

A sensação de dançar com a alma pode ser semelhante ao que Citro (2011) refere como gozo, um estado de alegria e emoção intensa que se alcança ao dançar. Apesar da nomenclatura dançar com a alma nos levar inicialmente a uma compreensão não corporal dessa dimensão do trabalho bailarino, afinal o termo alma tem sido culturalmente compreendido em oposição ao corpo, a abundante corporalidade pode ser percebida na constituição da dança pesquisada. O dançar com a alma é expresso e vivenciado de maneira corporal, por exemplo, na intenção do olhar e projeção do peito do bailarino, o modo como o bailarino se desloca, inspirando o ar, elevando seu corpo, e, ao caminhar na meia ponta, promove a ilusão de leveza no movimento, promovendo intenção do movimento e projeção da sua expressão. Algumas bailarinas neste estudo

expressaram esta relação como se estivessem “fora do próprio corpo”, onde os movimentos parecem automáticos, elas não pensam na execução dos movimentos e relatam uma sensação de liberdade.

Tais dimensões das corporalidades bailarinas se constituem a partir de um contexto mais amplo do que o da organização, pois incluem questões de hierarquia e disciplina, assim como composições sócio-histórico-culturais do campo da dança. Sob a perspectiva prática, analisamos que a exigência - organizacional e do campo da dança - por tais corporalidades acarretou tanto o uso extremo do corpo bailarino, quanto a vivência limitada da dança por esses trabalhadores artistas (Dornelles de Almeida & Flores-Pereira, 2013).

Em outro artigo, investiguei como os sentidos dos bailarinos estão ligados à aquisição de conhecimento corporificado nas práticas cotidianas da aula e ensaio em uma instituição profissional de *ballet* privada no RS-Brasil (Dornelles de Almeida & Flores-Pereira, 2018). Para aquela pesquisa utilizei metodologia etnográfica, e da minha participação ativa nas aulas e ensaios de *ballet*, entrevistas com bailarinos profissionais, arquivos (vídeo e fotos) e análise da performance. A aula diária de técnica de *ballet* é uma prática cotidiana que auxilia o bailarino profissional que atua em companhias, a se preparar para ensaios e espetáculos, e melhora sua proficiência física e artística do corpo. Os bailarinos envolvem-se através dos seus sentidos na aula, por exemplo eles: ouvem as tarefas do professor e a música, veem-se no espelho, percebem o espaço onde se movem, transpiram, sentem a temperatura do corpo, sentem os batimentos cardíacos, sentem a pressão do peso do corpo contra a gravidade e a presença de outros dançarinos no estúdio. As experiências sensoriais do bailarino e a forma como o conhecimento é incorporado estão interligados a modos de pensar com seus corpos, tais como: atenção focada, memória, imaginação, projeção/representação mental, conversação interior e imitação. A aula e o ensaio de *ballet* profissional investigados na pesquisa citada anteriormente foram investigados como uma prática complexa, onde a aprendizagem corporificada é social, política e culturalmente enquadrada. A partir dos achados provenientes desta escolha metodológica argumentei que os processos de aprendizagem

de uma pessoa resultam de uma interação dinâmica de sentidos corporais entrelaçados de cada bailarino, dependendo do contexto social (Dornelles de Almeida, 2018).

Na minha tese de doutorado investiguei como os bailarinos profissionais de três renomadas instituições de dança de Londres se envolvem com múltiplos sentidos na aula de *ballet*, como um espaço cultural que impacta na formação de sua sensorialidade, podendo promover uma aprendizagem mais inclusiva e democrática (Dornelles de Almeida, 2021). A aula diária de *ballet* nas companhias investigadas constitui-se em uma das práticas centrais na carreira daqueles bailarinos profissionais. Coloco este modo de construção, pois há companhias que desenvolvem outras práticas paralelas ao *ballet*, ou companhias que desenvolvem outras práticas, onde o *ballet* não está incluído. Neste estudo eles incorporaram uma estética e fisicalidade únicas dependendo do cenário de cada aula, de suas políticas institucionais e de suas relações sociais no ambiente cultural. Baseada na literatura de estudos de dança, antropologia dos sentidos e sociologia explorei as formas de aprendizagem dos bailarinos com os seus sentidos nas aulas, bem como na minha experiência pessoal de vinte e oito anos como bailarina profissional, e oito como professora de *ballet*. A metodologia selecionada envolveu observações etnográficas das aulas, interação com o trabalho de campo, participação nas aulas e entrevistas com bailarinos no English National Ballet, Ballet Black e DanceWorks.

A premissa central que sustentou minha pesquisa de doutorado foi que os bailarinos se engajam com diversos modos afetivos ao aprenderem na aula de *ballet*, formando sua sensorialidade mutante. Os bailarinos priorizam algumas modalidades sensoriais nas aulas impactando a forma como aprendem sobre a técnica e sobre seus próprios corpos em relação à performance como demonstração de individualidade e arte. Os bailarinos atendem com seus sentidos, pensam e sentem através da atenção focada, memória, imagens e emoções. Baseada nos conceitos de sensório, *corazonar*, descolonização e democratização, defendo que os saberes das epistemologias do Sul inspiradas em Boaventura Santos Sousa (2016) voltadas para o sensoriamento profundo

contribuem para a aprendizagem multissensorial do bailarino (Dornelles de Almeida, 2021).

Outro exemplo de pesquisa intitulada “Aulas de *ballet* clássico *on-line* aspectos do ensino-aprendizado remota em bailarinos durante a pandemia de Covid-19” que orientei, explorou o ensino do *ballet* clássico no contexto de pandemia da Covid-19, através de metodologias de cunho etnográfico com seis professores e seus bailarinos em aulas de *ballet* intermediário avançado de diferentes localidades do Brasil (Farias, 2022). Esta pesquisa investigou os principais impactos deste modelo de ensino no processo de ensino-aprendizagem focado na corporalidade dos bailarinos. A metodologia de pesquisa qualitativa envolveu dados etnográficos e auto etnográficos através de entrevistas com sete bailarinos e da observação-participante em diversas aulas de *ballet* *on-line* englobando trinta e cinco bailarinos em diferentes localidades brasileiras, modelos de ensino (síncronos e assíncronos) e plataformas de comunicação. As principais características do modelo de ensino remoto de *ballet* percebidas pelos bailarinos envolveram questões relacionadas ao espaço, atenção, memória, sensações e emoções. Os modelos de ensino remoto apresentaram questões complexas causadas pelo distanciamento social, como a falta de toque do professor para correções, socialização diferente com colegas através da tela na transmissão da aula, sensação de estar junto mesmo estando fisicamente sozinho, adaptações de infraestrutura dentro do espaço privados das casas dos bailarinos e professores, ter momento privado para fazer aula, e manutenção da saúde física e mental. Mesmo com todas as dificuldades, os bailarinos apreciaram este modelo como uma alternativa nesse período turbulento de isolamento social objetivando a manutenção da prática, o aprimoramento da técnica clássica, e fortalecimento das relações sociais nas aulas (Farias, 2022).

### **Analisando os aspectos metodológicos da corporalidade na pesquisa em dança de cunho etnográfico**

Com o objetivo de compreender a corporalidade em diferentes contextos socioculturais, integrei uma variedade de abordagens etnográficas nas diversas pesquisas abordadas na seção anterior. Para isso, eu segui a premissa da historiadora em dança Theresa Jill Buckland unindo métodos que mesclam estudos de dança como uma abordagem estabelecida de modo que o pesquisador se relacione “às pessoas e suas práticas” como resultado da história pessoal e da perspectiva cultural (2006, p.viii). Como Buckland sugere, eu fiz uma “descrição sistemática das ações e palavras transitórias de pessoas dançando” (2006, p.3). Como pesquisadora, considerei importante desenvolver a consciência de como diferentes tipos de material de pesquisa facilitam modos de ser. Segui também as recomendações de Sarah Pink, de que os pesquisadores precisam “empregar métodos qualitativos mistos, analisar diferentes tipos de materiais de pesquisa” de várias maneiras para fazer conexões entre muitos níveis de análise para examinar o “conhecimento não-verbal, tácito e colocado” (2009, p.131).

Minha metodologia multifacetada foi baseada em métodos etnográficos (Geertz, 1973), que juntos possibilitaram reunir informações sobre casos individuais dentro de cada campo pesquisado. Eu me inspirei em estudiosos que usam a experiência participante (Hsu, 1999; Skinner, 2018). Além disso, entrevistei bailarinos com base em técnicas de entrevista qualitativa (Skinner, 2012; Farnell & Varella, 2008).

Com intuito de analisar o campo como um todo, além das aulas de dança (*ballet*), busquei também investigar os espetáculos e ensaios dos participantes (entrevistados), a fim de observar se a técnica que eles praticavam em aula se relacionava com suas apresentações para observar quaisquer ligações visíveis entre a abordagem sensorial da técnica e a expressão da arte. Por isso, em muitas destas pesquisas citadas no referencial teórico deste artigo analisei inclusive algumas performances de bailarinos, bem como filmes e documentação de arquivo.

Em todas minhas pesquisas as referências dos dados do trabalho de campo são listadas após a bibliografia, a fim de detalhar cada observação de aula, participação, entrevista e filmes analisados com os nomes dos participantes, instituições a que pertencem, local e data. As informações sobre o nome completo das instituições mencionadas nas pesquisas que realize e nomes dos participantes, quando autorizados, podem ser encontradas em uma lista de abreviaturas antes da seção de bibliografia de cada trabalho.

No caso de acesso limitado às instituições, a análise de filmes selecionados e documentação de arquivo das práticas de dança que se encontram em domínio público foram fontes alternativas relevantes e adicionais à minha observação participante. Em várias pesquisas realizadas eu selecionei filmes que capturaram aulas ao vivo, ensaios e espetáculos com os bailarinos e professores. Nas próximas seções detalho como cada recurso metodológico etnográfico, através da observação participante, participação no campo, entrevistas, e envolvimento com os participantes me auxiliou a ter uma perspectiva focada na corporalidade.

### ***Observação participante no trabalho de campo***

Embora a abordagem do antropólogo Clifford Geertz (1973) tenha aproximadamente cinquenta anos, seus estudos foram valiosos para minha investigação porque oferecem múltiplas camadas de análise do trabalho de campo. Para este autor, a versão clássica da etnografia na antropologia social envolve a experiência do pesquisador e o engajamento com as práticas cotidianas dos participantes em seu ambiente, tomando notas em um diário, pensando cuidadosamente sobre o que é vivido e conversando com eles para interpretar sua versão do mundo. Eu segui a noção de Geertz denominada “descrição densa”, como uma análise multifacetada do campo, na qual o pesquisador fornece o contexto cultural e o significado que os participantes colocam em seu comportamento (1973, p. 317).

Em alguns casos, espaçar as visitas a campo constitui-se em uma questão estratégica que ajuda na coleta de dados da pesquisa. Por exemplo, as agendas lotadas e as produções em turnê dificultam o acesso do pesquisador aos bailarinos nas suas práticas diárias. Neste sentido, foi importante para mim como pesquisadora seguir a sugestão de Geertz (1973) de dialogar com os participantes. Esse diálogo me possibilitou escrever o que os bailarinos perceberam em campo por meio de uma interpretação descritiva de suas experiências e deste modo elucidar a experiência destes participantes, para analisar junto aos registros que realizei em meu diário de campo.

### ***Participação nas práticas de dança***

A participação do pesquisador da corporalidade em campo, constitui-se em uma ferramenta metodológica menos comum e diferente da observação, pois inclui suas percepções sobre a experiência na investigação. De acordo com os antropólogos Hélène Neveu Kringelbach e Jonathan Skinner, uma abordagem que considera a experiência do participante “pode permitir atos mais robustos de criação cultural em conjunto com aqueles que estudamos” (2012, p. 217). A experiência do pesquisador como participante permite a compreensão das interações, da estética cultural, e de estruturas sociais. Os elementos socioculturais percebidos na minha participação em campo também foram fundamentais para minha compreensão das qualidades particulares da experiência da corporalidade dos participantes.

Citro (2011) investiga as convergências assinaladas pelas teorias sócio antropológicas, abordagens filosóficas e psicanalíticas, e mais recentemente pelas neurociências para investigar a corporalidade, inclusive participando dos eventos no campo. Participar do contexto de pesquisa com atenção ao sensorial profundo (Santos, 2018) inclui uma variedade de perspectivas que podem ser sentidas e possibilita uma compreensão diferente dos contextos em que os sentidos se expressam. Por exemplo, “o que o investigador vê num determinado grupo não coincide necessariamente com o que esse grupo vê no investigador que os vê” (Santos, 2018, p.

167). Como pesquisadora e bailarina em campo, em meu trabalho de campo construí ‘uma ecologia interna de experiências sensoriais’ para atender aos diferentes encontros gerados pela pesquisa (Santos, 2018, p. 183). Frequentei muitas práticas de dança (no contexto das aulas, ensaios e espetáculos) durante todas as pesquisas anteriormente citadas neste texto durante os últimos dez anos para pesquisar a corporalidade com base nas premissas de participação imergindo através do próprio corpo propostas por Citro (2011) e modos de percepção com e dos participantes de Santos (2018). Como resultados das minhas interações em campo, encontrei por exemplo, na pesquisa de doutorado uma sensorialidade dos bailarinos durante o aprendizado que envolveu emoções e modos únicos corporais de sentir.

Neste contexto, concordo com as observações de Potter (2007) de que as mudanças corporais percebidas pela pesquisadora, que também é bailarina, têm o potencial de explorar o acúmulo interno de saberes corporais vivenciados por outros bailarinos. Por isso, estudiosos que adotaram o duplo papel (*insider-outsider*) como pesquisador e como bailarino/praticante inspiraram minhas investigações. Por exemplo, a pesquisa de Potter (2007), como aluna em aulas de *ballet* e contemporâneo foi particularmente inspiradora.

A abordagem da “experiência participante” me permitiu, “explorar alguns aspectos não verbais da aprendizagem”, assim como observou Hsu (1999, p.231). Minha participação em campo nas pesquisas serviu ao propósito de ganhar uma experiência cognata com os participantes. Apesar de estudar a transmissão do conhecimento na medicina chinesa em vez da dança, a abordagem de Hsu me orientou a me envolver na “experiência do participante” e mergulhar no aprendizado de “conhecimento técnico e prática específicos” (1999, p.15) . Participei dos eventos em campo como bailarina profissional e pesquisadora que aprendia e interagia com os participantes na posição de 'professores' e outros bailarinos como meus 'colegas'.

Estou ciente de que minha experiência não foi a mesma dos participantes, mas essas oportunidades me aproximaram da vivência das aulas práticas em dança junto aos participantes. Experimentei diferentes maneiras de me mover, me comportar, aprender e

fazer perguntas. No entanto, reconheço as vantagens e desvantagens de estar nesta posição. Por exemplo, como participante, após cada aula de *ballet*, lembrava na memória as experiências e as registrava imediatamente em meu diário. Essas reflexões me ajudaram a compreender o cenário sociocultural e analisar a perspectiva dos participantes em suas entrevistas em comparação com suas ações em campo. Importante que as instituições que autorizaram minhas pesquisas permitiram interagir com bailarinos e professores profissionais e participar regularmente das atividades em campo, e por vezes decidi alternar com observações onde toda a minha atenção estava em observar os participantes.

### ***Entrevistas***

Skinner (2012) define entrevista como um encontro face a face entre dois participantes com troca de informações verbais por meio da fala e da escuta. A palavra entrevista vem do latim ‘*inter*’ que significa visão e da palavra francesa ‘*entre voir*’, ou seja, como um vislumbre de um mundo particular do outro (Skinner, 2012, p.16). Segundo Skinner (2012), o entrevistador tem como objetivo descrever e interpretar um fenômeno, vivido pelo entrevistado. Realizei as entrevistas com os participantes das minhas entrevistas baseada em Skinner em um processo colaborativo, discutindo temas específicos que surgiram de suas práticas (2012, p. 55). Várias semanas após as entrevistas, conduzi conversas como parte desse processo colaborativo com os participantes para verificar minhas interpretações do que eles disseram.

Em alguns casos excepcionais, como estímulo para os participantes encorajarem a discussão de experiências íntimas e complexas durante as entrevistas, ajudam os participantes ao ponto de reviverem uma experiência específica e ajudá-los a refletir desde o nível da ação até a representação em palavras. Os antropólogos Brenda Farnell e Charles R. Varela (2008) propõem uma abordagem do movimento de pesquisa especialmente considerando a perspectiva corporificada do participante. Para Varela e Farnell (2008, p. 215) a dinâmica da corporificação serve “como um meio teórico para

ir além do corpo ausente em movimento na teoria social corporificada”. Farnell e Varella incluem o 'ponto de vista do agenciamento' nas ciências sociais, sugerindo que a análise do movimento humano deve ir além de uma fala sobre o corpo e uma fala do corpo, para considerar uma fala do corpo e do corpo da pessoa, favorecendo assim uma abordagem centrada na pessoa (2008, p. 217). Adotando essa abordagem, entrevistei os participantes em minhas pesquisas para entender sua perspectiva sobre seus sentidos, sentimentos e pensamentos em suas práticas.

A cada pesquisa preparei um roteiro de entrevista com perguntas semiestruturadas para os participantes focado em sua corporalidade. Na preparação e durante as entrevistas segui a premissa do encontro colaborativo de Skinner (2012), para estimular o participante a detalhar uma experiência específica e a recomendação de Varella e Farnell (2008) de considerar uma 'conversa do corpo' e da perspectiva da pessoa. Entrevistas anteriores com bailarinos de outros estudos também serviram de inspiração, como Potter (2008) e Dornelles de Almeida e Flores-Pereira (2013).

Considero fundamental a transcrição de cada entrevista realizada com os participantes e todas as citações diretas dos participantes no corpo nas pesquisas que realizei são referenciadas com seu sobrenome e a data da entrevista. As entrevistas cada uma com suas particularidades reuniram *insights* da perspectiva do participante sobre sua corporalidade e essas informações foram usadas para verificar a conexão com meus registros em diário de campo.

### ***Rumo a um estudo mais sensorial: o envolvimento com os participantes***

Como pesquisadora, mantive o contato com os participantes no contexto de suas práticas, buscando compreender suas perspectivas. Os participantes dos estudos citados neste trabalho foram considerados como sujeitos sociais e seres culturais, obedecendo a todos os requisitos éticos necessários. Para entender o mundo de outras pessoas e identificar como, quando e por que elas constroem e empregam suas modalidades sensoriais em contextos culturais específicos, segui a perspectiva de Yolanda van Ede de

“estudo sensual” (2009, p. 65). No trabalho de campo, participei, percebi e vivenciei com todos os meus ‘sentidos’. Para entender “outras culturas sensoriais, o investigador deve experimentar por si mesmo as percepções sensoriais do Outro” (van Ede, 2009, p. 61). Como pesquisadora, tornei as experiências do participante semelhantes às minhas, incorporando-as. Segui as recomendações de van Ede (2009, p. 6) de análise das estruturas sensoriais, considerando “a enorme variedade de sensibilidades humanas e as muitas qualidades de cada sentido”.

Também me inspirei nas sugestões de Pink de estar ciente, como pesquisadora, de minhas próprias modalidades sensoriais e valores (2009, p. 130). Minhas experiências como pesquisadora foram compartilhadas em conversas com os participantes, oferecendo versões intersubjetivas de suas experiências no contexto de produção do conhecimento sensorial. Isso foi importante na realização destas pesquisas (Dornelles de Almeida & Flores-Pereira, 2013; Dornelles de Almeida, 2012; 2014; 2018; 2021) porque proporcionou profundidade à minha posição metodológica como pesquisadora. Nesse sentido, para interpretar os significados das experiências dos participantes me engajei com todos meus sentidos no trabalho de campo. Para isso, meu corpo serviu para alcançar uma perspectiva sobre o espaço, lugar e tempo do fenômeno.

Ao analisar os dados, os meios sensoriais, como visão, respiração, tato, audição, cinestesia, entre outros, apareceram interligados com outros sentidos. Seguindo uma abordagem fenomenológica, envolvi-me nas práticas com todos os meus sentidos com objetivo de descrever e compreender o campo. Nas pesquisas segui os princípios e requerimentos formais de ética em pesquisa exigidos pela instituição em que estava associada.

Os métodos etnográficos focaram-se em uma abordagem sensual, que me permitiu ir além de uma apreensão cognitiva, comportamental e representacional do campo de pesquisa, como sugere Andrée Grau (2011). Mergulhei no campo através dos meus sentidos e sentimentos. Além desses métodos europeus de trabalho de campo, sempre retornei à noção de Santos (2018) de ser um *insider* (de dentro) e sentir com os participantes, ou seja, compartilhar o sentir profundo. Por exemplo, em pesquisas no

contexto das aulas de *ballet*, procurei o sentir-com os bailarinos para compartilhar e experimentar o ver, o tocar e outras modalidades sensoriais. Para entender como os participantes “conhecem” seus sentidos, o termo *corazonar* deve ser considerado. Isso significa que as experiências dos participantes são fortalecidas com ‘a comunhão sensorial’ na dança (Santos, 2018, p. 182). Para Santos, a dança é “uma das formas mais complexas de conhecimento vivido, experiencial, corporal” que merece atenção especial no que diz respeito aos sentidos (2018, p. 93).

As epistemologias do Sul centram-se nos estados de morte, sofrimento e júbilo dos corpos, situando a dança como manifestação do corpo em júbilo (Santos, 2018, p. 92). Para Santos, o pesquisador deve lembrar que “corpos subalternos são corpos cujas experiências sensoriais são fortemente condicionadas por fatores que eles não controlam” (2018, p. 182).

Em minhas pesquisas, os participantes são, portanto, considerados como corpos que encarnam normas e crenças limitando sua sensibilidade. Santos explica que uma das armas mais eficazes do poder dominante é limitar as experiências sensoriais dos corpos subalternos (2018, p. 182).

Um dos primeiros passos para descolonizar os sentidos das pessoas é imaginar as suas potencialidades sensoriais. Para Santos, trata-se de um ato de rebeldia contra a desigualdade entre diferentes culturas (2018, p. 183). Para isso, Santos sugere que o pesquisador deve “desfamiliarizar-se com o que lhe é familiar e estar disposto a se familiarizar com o que lhe é estranho” por meio da co-presença e *corazonar* (2018, p. 183). A partir de relações sociais desiguais, Santos (2018) fala de corpos racializados, sexualizados e mercantilizados. Investigo esses tópicos associados ao uso do sensorial dos participantes no contexto do campo onde estão inseridos.

As premissas desse método permitiram-me engajar com uma perspectiva sensual como pesquisadora e ficar mais sintonizada com a experiência subjetiva dos participantes em diversos ambientes institucionais. Por exemplo, a técnica de *ballet* praticada em sala de aula é em grande parte um conhecimento implícito incorporado e a quantidade de informações que os bailarinos podem processar é limitada. Esta

metodologia multifacetada permitiu-me explorar a corporalidade dos participantes de inúmeras formas, explorando suas emoções, sensações, pensamentos, aprendizados corporais, comportamentos entre outros.

### **Considerações Finais**

Este artigo descreveu como a utilização do método etnográfico contribuiu para a compreensão da corporalidade dos participantes e como foi aplicado em diversas pesquisas em diferentes ambientes socioculturais, principalmente focados na dança. Além disso, esta metodologia etnográfica multifacetada incluiu observações, participação em aulas e entrevistas com bailarinos, apoiados em materiais secundários de análise de filmes e documentação de arquivo e acompanhamento de diversas práticas em campo.

Cada contexto social promove maneiras distintas de vivenciar o campo. Como pesquisadora, acompanhei o engajamento ‘sensual’ de van Ede, bem como a premissa de Santos de participar, sentir e ‘conhecer-com os participantes’ considerando suas diversas formas de conhecer. Essa metodologia mista foi construída para evidenciar a corporalidade, e como o ambiente institucional forma um cenário cultural particular afetando as experiências dos participantes.

Com relação à posicionalidade do pesquisador discutida por Sonya Dwyer (2009), considerei importante participar da posição de um *insider* como bailarina profissional nas aulas de *ballet* e como um ‘outsider’ de ser nova nestas aulas, ter um olhar curioso. No entanto, eu estava ciente das vantagens e desvantagens de estar nessas posições.

O referencial metodológico do meu estudo incluiu métodos etnográficos de participação em campo, e foi útil porque me possibilitou o aprendizado e aquisição de o conhecimento técnico específico objetivando ter uma experiência cognata aos participantes. Apliquei uma metodologia sensual envolvendo uma experiência profunda dos sentidos e outras “formas de conhecer” (Santos, 2018). Os roteiros de entrevista

permitiram iniciar uma conversa com cada participante e explorar as suas perspectivas sobre as suas sensações, sentimentos e pensamentos. Essas metodologias e a análise multifacetada dos dados me ajudaram a interpretar as palavras e ações dos participantes em seus contextos socioculturais.

O ponto de vista metodológico desta pesquisa facilita a análise do movimento a partir da ideia de Farnell e Varela de considerar uma “fala” do corpo (2008, p. 217). Com base em minhas descobertas etnográficas, bailarinos pensam e sentem com seus corpos privilegiando diferentes meios sensoriais dependendo de seu engajamento com o ambiente da prática. Neste sentido, o engajamento social e cultural dos bailarinos está relacionado à sua organização do sensorio e aquisição de conhecimento.

A corporalidade remete à relação fundamental e inseparável que se estabelece entre corpo e mundo sócio-histórico-cultural, e a metodologia desta pesquisa baseia-se em recursos que captem de várias formas estas vivências. Por exemplo, as pesquisas apresentadas sobre corporalidade baseadas em experiência etnográfica e auto etnográfica neste artigo exploram publicações em forma de tese, dissertação, artigo, livro e capítulo de livro, desenvolvidos através de entrevistas, observações, participação, elaboração de diário de campo e análise documental. O resultado desta trajetória em pesquisa qualitativa focada na corporalidade no âmbito da metodologia de pesquisa em dança evidenciou desafios decorrentes similares ao artigo citado anteriormente (Flores-Pereira, Davel, & Dornelles de Almeida, 2017). Por este motivo, após esta reflexão, concluo que abordagens metodológicas utilizadas pelos pesquisadores da corporalidade na pesquisa em dança que privilegiem a etnografia ou instrumentos de coleta de cunho etnográficos devem atentar cuidadosamente para o planejamento, a interação com o campo de pesquisa e a análise do material empírico, de modo a considerar o sujeito participante da pesquisa no seu contexto sociocultural e valorizar sua interpretação dos dados de modo colaborativo.

### Referências bibliográficas

AALTEN, A. The moment when it all comes together: embodied experiences in ballet. **European Journal of Women's Studies**, 11(3), 2004, pp.263-276.

ALVESSON, M.; SKÖLDBERG, K. **Reflexive methodology**. London: Sage, 2009.

BUCKLAND T. J. Dance, History and Ethnography: Frameworks, Sources, and Identities of Past and Present. In: **Dancing from Past to Present: Nation, Culture, Identities**. Buckland T. J. (ed.), Madison: The University of Wisconsin Press, 2006, pp. 3-24.

CITRO, S. La eficacia ritual de las performances en y desde los cuerpos. **Ilha**, v. 13, n. 1, 2011, pp. 61-93.

CSORDAS, T. J. Embodiment and cultural phenomenology. In: WEISS G.; HABER H. F. (Org.). **Perspectives on embodiment: the intersections of nature and culture**. New York: Routledge, 1999, pp. 143-162.

CROSSLEY, N. Merleau-Ponty, the elusive body and carnal sociology. **Body & Society**, v. 1, n. 1, 1995, pp. 43-63.

DALE, K. **Anatomising embodiment and organisation theory**. Basingstoke: Palgrave, 2001.

DORNELLES DE ALMEIDA, Dóris. Identidade física, pessoal, institucional e espiritual: etnografia embodied de uma companhia de ballet. 2012. 172 f. **Dissertação (Mestrado em Administração e negócios)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DORNELLES DE ALMEIDA, Dóris; FLORES-PEREIRA, Maria Tereza. As corporalidades do trabalho bailarino: entre a exigência extrema e o dançar com a alma. **Revista Administração Contemporânea**, v.17, n.6, 2013, pp. 720-738.

DORNELLES DE ALMEIDA, Dóris. Vida de Bailarina. In: **Produção e Gestão Cultural: Relatos e Experiências de que Vive de Cultura**. GAVA, Rodrigo. (Org.). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – UFV, 1ed.Viçosa: UFV, v.1, 2014, pp. 49-61.

DORNELLES DE ALMEIDA, Dóris. Multisensorial experiences and embodied knowledge of professional dancers in ballet practices. **Functional Neurology, Rehabilitation and Cognition**, v. 7, n.1, 2018, pp.18-24.

DORNELLES DE ALMEIDA, Dóris. Multisensorial learning in the professional ballet class in three London institutions. **Department of Dance. PhD. Doctoral Thesis. University of Roehampton, London.2021.**

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1966.

DWYER, S. C. The Space Between: on being an insider-outsider in qualitative research. **International Journal of Qualitative Methods**, International Institute for Qualitative Methodology. University of Alberta. v.8, n.1, 2009, pp.54-63.

FARIAS, Hillary, M.L. Aulas de ballet classico on-line aspectos do Ensino-aprendizado remota em bailarinos durante a pandemia de Covid-19. **Trabalho de Conclusao Curso Danca, Departamento Artes e Humanidades. Universidade Federal de Vicosa, 2022.**

FARNELL, B.; VARELLA, C. R. The Second Somatic Revolution, **Journal for the Theory of Social Behaviour**. v.38, n.3, 2008, pp. 215-240.

FAVRE, Regina. Corpar: nosso verbo principal. **Laboratorio do Processo Formativo**. Fev. 2014. Disponível em:

<https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2014/02/corpar-nosso-verbo-principal/>  
Acesso em: 05/08/2022.

FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo, pessoa e organizações. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 54, 2010, pp. 417-438.

FLORES-PEREIRA, Maria Tereza; DAVEL, Eduardo; DORNELLES DE ALMEIDA, Dóris. Desafios da corporalidade na pesquisa acadêmica. **PE.BR**, v. 15, nº 2, Artigo 1, Rio de Janeiro, Abr./Jun .2017. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, nº 2, Artigo 1, Rio de Janeiro, Abr./Jun. 2017, pp.194-208.

FORTIN, S. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, Rio Grande do Sul, v.7 , 2009, pp.77-88.

GEERTZ, C. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

GEERTZ C. Thick description: towards an interpretative theory of culture. In: **The interpretation of Cultures**. Basic books: New York. 1973, pp. 3-33.

GRAU A. Dancing bodies, spaces/places and the senses: A cross-cultural investigation. **Journal of Dance & Somatic Practices**. Coventry: Intellect Ltd. 3(1+2), 2011, pp.5-24.

HSU, E. **The Transmission of Chinese Medicine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KATZ, H. Corpar. Porque corpo também é verbo. In: BASTOS, H. **Coisas vivas. Fluxos que informam**. São Paulo : ECA-USP, 2021, pp.19-31.

KRINGELBACH, H. N.; SKINNER, J. Introduction: The Movement of Dancing Cultures. In: **Dancing Cultures: Globalization, Tourism and Identity in the Anthropology of Dance**. Kringelbach, H. N. and Skinner, J. (eds.), New York, Oxford: Berghahn Books, 2012.

MARULANDA, D; OLIVEIRA, É. Metáforas do corpo e do movimento no ensino do ballet clássico: Etnografia da incorporação de uma técnica. **ABRACE**, Belo Horizonte, 2014.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Phenomenology of perception**. New York: Routledge, 2004.

PINK, S. (2009) **Doing Sensory Ethnography**. London: SAGE Publications.

POTTER, Caroline. Sense of Motion, Senses of Self: Becoming a Dancer. **Ethnos**, Routledge: London, v.73, n.4, 2088, pp..444-465.

SANTOS, B. de S. **The end of the cognitive empire: the coming of age of epistemologies of the South**. Durham: Duke University Press, 2018.

SHILLING, C. **The body and social theory**. London: SAGE, 2003.

SKINNER, J. **The interview: An ethnographic approach**. Oxford: Berg Publishers, 2012.

SKINNER, J. 'It's tango!' Communicating intangible cultural heritage for the dance tourist. In: **Creating Heritage for Tourism**. Catherine Palmer and Jacqueline Tivers (ed.). London: Routledge, 2018 pp.71-88.

STYHRE, A. The (re)embodied organization: four perspectives on the body in organizations. **Human Resource Development International**, v. 7, n. 1, 2004, pp. 101-116.

VAN EDE, Y. Sensuous anthropology: sense and sensibility and the rehabilitation of skill. **Anthropological Notebooks**. Amsterdam Institute for Social Science Research (AISSR). Ljubljana: Slovene Anthropological Society. v.15, n.2, 2009, pp. 61–75.

VÍCTORA, C. G. Inside the mother's body: pregnancy and the 'emic' organ 'the body's mother'. In: LEIBING, A. (Org.). **The medical anthropologies in Brazil**. Berlin: VWB, Verlag für Wissenschaft und Bildung,. v. 12. 1997, pp.169-175.

WULFF, H. Ethereal expression: paradoxes of ballet as a global physical culture. **Etnography**, 9(4), 2008, pp.518-535.